

# ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DAS CONSTRUÇÕES COM SER E ASSUMIR COM OBJETO INTERDITO NO TÓPICO ASSUMIR HOMOSSEXUALIDADE

RAFAHEL JEAN PARINTINS LIMA (UNICAMP)

O objetivo deste trabalho é descrever gramaticalmente as construções verbais com *ser* e *assumir*, quando esses dois verbos são usados como transitivos em textos com o tópico discursivo “Assumir homossexualidade”, apresentando aspectos discursivos e sociolinguísticos relacionados a essas construções. As construções de objeto interdito aqui analisadas são descritas em Bronzato (2000; 2009) e consistem no apagamento do objeto de verbos transitivos quando esse apagamento não é resultante de simples elipse, configurando a construção [SN1 V  $\emptyset$  (SP)], em que SN1 é um sintagma nominal, V um verbo,  $\emptyset$  é o complemento verbal nulo e SP é outro complemento, que pode ou não aparecer. Exemplos: *fazer (sexo)*, *dar (o cu)*, *cheirar (cocaína)*. Essas construções resultam, em termos formais, em uma de-transitivização. No entanto, o objeto do verbo não é semanticamente vazio porque é inferível a partir de conhecimentos compartilhados. Em termos discursivos, Bronzato (2009) identifica uma influência da polidez positiva para a ocorrência do objeto interdito, decorrente do fato de ela ser fruto de uma interdição social. Assim, sua construção indicia *rompimento de regra de conduta*. Esse tipo de construção é o caso dos verbos *ser* e *assumir* quando usados no sentido de *ser homossexual* e *assumir a homossexualidade* respectivamente. Através de análises de ocorrências dessas construções em textos com o tópico discursivo (JUBRAN, 2002; 2006) “assumir a homossexualidade”, sugerimos que as construções de *ser* e *assumir* com objeto interdito é um tipo de tabu linguístico, isto é, um tipo de interdição sociolinguística: algo de que se lança mão para não se fazer referência explícita a certas entidades, a depender da situação comunicativa. Além disso, é um tabu atípico, já que os tabus linguísticos costumam ser tratados de forma independente dos verbos, isto é, sem serem relacionados às propriedades sintáticas (cf. ORSI, 2011; ALMEIDA, 2007; SHADID, 2011; RICHTER & ISQUERDO, 2009). Por ser um tabu linguístico, de

acordo com o trabalho de Orsi (2011), pode ser considerado também um tipo de preconceito sociolinguístico, diferente daquele que decorre de uma atitude sociolinguística perante um dialeto. Trata-se de um preconceito sociolinguístico que afeta o próprio uso do falante, de forma pouco consciente, visto que é um uso bem entranhado no português brasileiro.